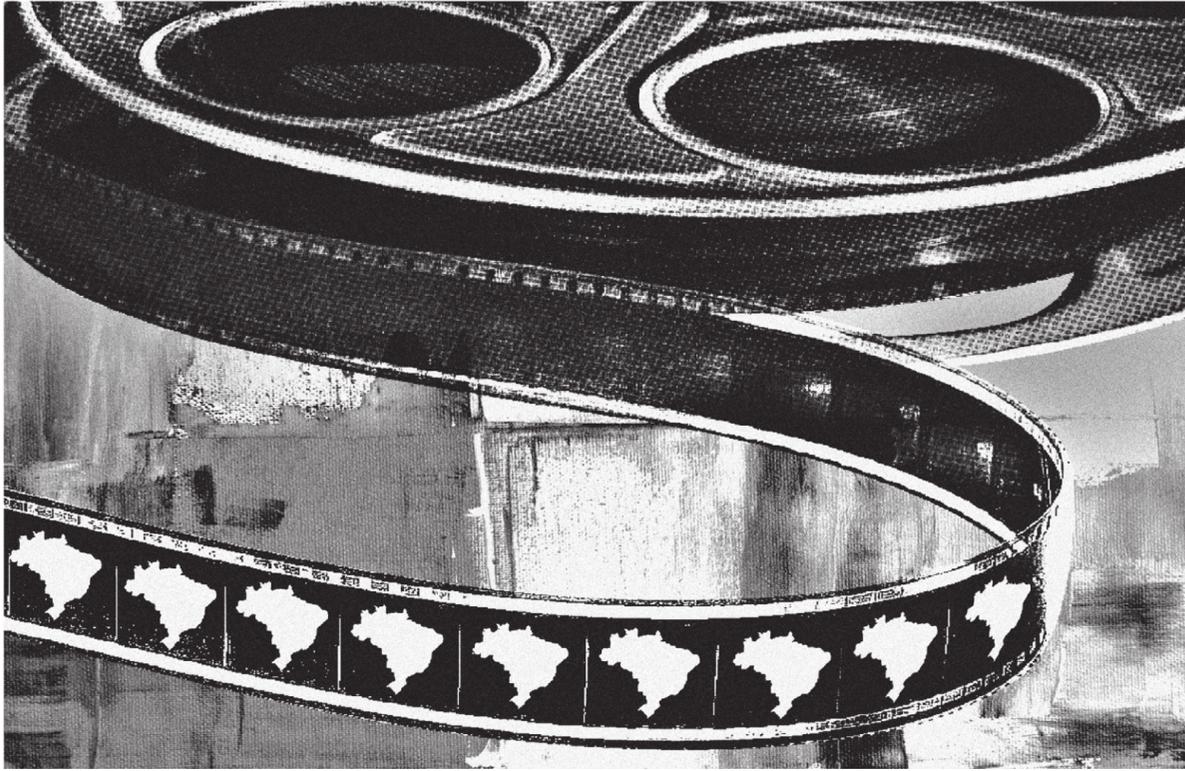


Brasil: uma potência cinematográfica em ascensão



» RENATO BARBIERI
Cineasta, diretor de *Tesouro Natterer*, *Pureza*, *Atlântico Negro* — na *Rota dos Orixás* e *A Invenção de Brasília*

O Brasil se destaca como uma terra de gigantes e uma potência cinematográfica. Essa afirmação, que poderia soar como ufanismo, ganha substância com a impressionante vitória de Fernanda Torres como melhor atriz no Globo de Ouro 2025. Conhecida carinhosamente como Nanda, a atriz desafiou as expectativas ao competir com ícones do cinema mundial, como Tilda Swinton, Angelina Jolie, Nicole Kidman e Kate Winslet. Em *Ainda estou aqui*, sob a direção magistral de Walter Salles, sua atuação como Eunice Paiva é marcada por uma sobriedade impactante e uma estética minimalista, reafirmando a máxima de que “em cinema, menos é mais”.

A mobilização do público brasileiro em torno de *Ainda estou aqui* assemelha-se à de uma final de Copa do Mundo. Com a lista dos cinco finalistas ao Oscar 2025 a ser divulgada em 17 de janeiro, o filme se destaca como um fortíssimo candidato nas categorias de Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz. A conquista do Globo de Ouro por Fernanda Torres certamente eleva nossas chances, uma vez que esse prêmio é tradicionalmente um termômetro para o Oscar. Aproveitar esse momento de euforia nacional é crucial para refletirmos

sobre o significado do reconhecimento internacional que o Brasil tem conquistado, não apenas em eventos esportivos, mas também nas artes.

Neste cenário, é oportuno reavaliar o que chamamos de “complexo de vira-lata”, uma expressão que nos acomete há séculos, simbolizando um sentimento de inferioridade em relação ao exterior. Fernanda Torres, essa atriz e intelectual gigante, em suas reflexões sobre o tema, nos diz: “O Brasil é uma ilha continental e a gente é isolado pela nossa língua. Somos um país complexo de 200 milhões de pessoas que está longe de ser periférico, ao mesmo tempo em que temos esse complexo de vira-lata por essa não comunicação com o mundo. E por outro lado, o Brasil tem pena do mundo não saber do que a gente sabe. Quando alguém fura a fronteira e leva algo que nos é pessoal pra fora, surge esse sentimento de ‘olha o que a gente tem de rico.’”

Ao mesmo tempo em que o Brasil, historicamente se sente isolado, é também o maior laboratório genético humano do mundo, resultado da confluência de povos de todos os continentes. Essa diversidade nos coloca em uma posição privilegiada para dialogar com o mundo, talvez mais do que o próprio cinema norte-americano. A rica mistura cultural que corre em nossas veias é uma vantagem competitiva que o Brasil deve investir. É fundamental que o Ministério da Cultura (MinC) e a Agência Nacional do Cinema (Ancine) unam esforços para criar uma indústria cultural brasileira voltada para o mundo.

Ainda estou aqui, que aborda a tragédia da família Paiva durante os anos de chumbo da

ditadura civil-militar, é o filme brasileiro mais assistido nos cinemas pós-pandemia, superando até as tradicionais comédias de sucesso. Isso indica uma mudança nas preferências do público, que parece buscar um mix de conteúdo que une informação, arte e entretenimento. Na Era do Antropoceno, em meio a uma crescente distopia, a busca por arte e informação de qualidade não é apenas uma questão de gosto, mas uma estratégia de sobrevivência em tempos difíceis.

Esse novo panorama exige que os criadores e instituições culturais brasileiras provoquem reflexões profundas sobre os desafios que enfrentamos. O cinema e a arte, portanto, devem assumir um papel central na construção de um futuro, no qual a diversidade cultural, o biocentrismo e a comunicação com o mundo sejam prioridades. O momento é propício para que o Brasil se reafirme no cenário internacional, mostrando ao mundo suas riquezas e complexidades e estabelecendo-se como um protagonista na narrativa global.

Nesse contexto, a vitória de Fernanda Torres não é apenas uma conquista individual, mas um símbolo do potencial criativo e da resiliência de um país que, apesar de suas dificuldades, continua a produzir arte de relevância e profundidade. Que essa onda de reconhecimento sirva de impulso para que o Brasil não apenas consuma cultura, mas a crie e a compartilhe, ampliando as fronteiras da comunicação e da compreensão mútua. O futuro do Cinema Brasileiro depende de nossa capacidade de nos comunicar com o mundo, e essa é uma tarefa que devemos abraçar com entusiasmo e determinação.

Bioinsumos e combustíveis do futuro fortalecem a transição energética



» BRUNO GALVEAS LAVIOLA E MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisadores da Embrapa Agroenergia

No centro das discussões globais sobre mudanças climáticas e sustentabilidade, a transição energética se apresenta como um dos grandes desafios do século 21. O Brasil, com sua vocação agrícola e liderança em bioenergia, tem uma oportunidade única de liderar essa transformação, especialmente com os avanços recentes em marcos regulatórios fundamentais para os setores agrícola e energético.

Além dos benefícios ambientais, a regulamentação dos bioinsumos e dos biocombustíveis avançados traz possibilidades de impactos econômicos significativos para o país. A adoção de bioinsumos reduz a dependência de fertilizantes e defensivos químicos importados, propiciando economia para o produtor rural e aumentando a competitividade do agronegócio brasileiro nos mercados internacionais. A cadeia produtiva de biocombustíveis, ao integrar soluções de baixo carbono, estimula a diversificação no campo e a criação de empregos qualificados, desde a pesquisa científica até a produção agrícola e industrial. A evolução do etanol de milho, por exemplo, destaca-se como um marco na diversificação energética, unindo impactos nas dimensões ambiental e econômica, com substancial agregação de valor à produção.

A produção de etanol de cereais contribui não só para a redução de emissões, mas também gera coprodutos valiosos como o DDGS, utilizado na formulação de rações animais. Essa integração aumenta a eficiência alimentar e reduz custos na pecuária, exemplificando como soluções agroenergéticas podem diversificar negócios e impulsionar a sustentabilidade de maneira sinérgica em múltiplas dimensões.

No caso do biometano, o Brasil possui potencial para produzir até 84,6 bilhões de Nm³/ano a partir de resíduos agroindustriais, o que supera em mais de duas vezes a oferta nacional de gás natural registrada em 2022. Essa alternativa não apenas reduz custos energéticos, mas também promove a economia circular, aproveitando resíduos que antes eram descartados, muitas vezes com impactos ambientais danosos.

No setor agrícola, a substituição de fertilizantes químicos por bioinsumos pode gerar uma economia anual de até US\$ 5,1 bilhões, especialmente em culturas como milho, arroz e trigo. Além disso, essa prática contribui para a redução de emissões de gases de efeito estufa e a melhoria da saúde do solo, promovendo a sustentabilidade, a produtividade nas lavouras e a imagem dos produtos agrícolas brasileiros.

Embora a produção global de combustíveis sustentáveis de aviação (SAF) ainda seja limitada, estudos indicam que seu desenvolvimento e escalonamento podem reduzir em até 80% as emissões de gases de efeito estufa do setor aéreo, um dos mais desafiadores para descarbonizar. Essa tecnologia representa uma oportunidade única para o Brasil consolidar sua liderança em soluções avançadas de energia sustentável, contribuindo de forma decisiva para a transição energética em setores estratégicos da economia global.

Mas não devemos esquecer que a transição energética e a sustentabilidade da agricultura dependem diretamente de avanços científicos e tecnológicos que transformem desafios em oportunidades. No Brasil, a Embrapa, as universidades e o setor privado têm desempenhado um papel central no desenvolvimento de soluções inovadoras para bioinsumos e biocombustíveis de baixa emissão de carbono.

Além dos enormes avanços na produção de etanol e biodiesel, as tecnologias inovadoras para produção de biometano, a partir de resíduos agroindustriais e usos avançados de óleos vegetais para biocombustíveis líquidos, também contribuem para cadeias produtivas mais eficientes e sustentáveis. Adicionalmente, a pesquisa em bioinsumos, como inoculantes biológicos para fixação de nitrogênio, disponibilização de fósforo e controle de pragas, tem demonstrado impactos significativos na redução de custos agrícolas e na melhoria da produtividade, além de minimizar o impacto ambiental.

A Embrapa tem buscado também desenvolver fontes alternativas de biomassa energética, essenciais para fazer frente à crescente demanda de forma diversificada e sustentável. Exemplos são a tropicalização da canola, que adapta esta oleaginosa às condições do Cerrado brasileiro; e a domesticação da macaúba, uma palmeira nativa com alto potencial para a produção sustentável de óleos e outras fontes de biomassa, esforços liderados pela Embrapa Agroenergia, em Brasília.

O futuro do setor energético poderá se beneficiar significativamente de avanços de base biológica, com maior aproveitamento de recursos renováveis e sustentáveis. Essa convergência, porém, exige superar desafios nos campos da inovação tecnológica, de políticas públicas eficazes e da coordenação entre diferentes atores. Com sua vasta base agrícola e experiência em bioenergia, o Brasil ocupa uma posição única para liderar esse processo, aproveitando sua vantagem estratégica para impulsionar soluções de grande impacto na transição energética.

Ainda estamos aqui



» MÁRCIO MACÊDO
Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República

Demorei para assistir ao filme de Walter Salles — *Ainda estou aqui*, inspirado no livro de Marcelo Rubens Paiva. Estava esperando uma noite, depois do expediente, em que estivesse descansado ou um fim de semana sem trabalho e com o espírito preparado. Mas resolvemos eu e a Karina, minha esposa, irmos na noite chuvosa de 8/1, dia marcado pela tentativa de golpe de Estado no nosso país há dois anos. Dia em que o governo do presidente Lula organizou duas solenidades em defesa da democracia e dos movimentos sociais e os partidos democráticos fizeram o abraço à democracia na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

O filme é uma obra prima: roteiro preciso, retrato fiel de um momento histórico. Uma riqueza de detalhes e sutilezas que muitas vezes os filmes não conseguem alcançar. Uma plástica irreparável, belas imagens, atuações espetaculares dos atores, com destaque para Fernanda Torres e Selton Mello.

Uma história marcante. Entretanto, é dolorido mostrar a monstruosidade do que é o aparato de Estado perseguindo o cidadão, demonstrando o desprezo do sistema totalitário pela pessoa

humana, mostra a utilização da força como instrumento de eliminação física dos adversários do regime. Parafraseando Belchior na canção *Galos, Noites e Quintais*: “A força fez com as pessoas o mal que a força sempre faz”. Mostra a dureza de um regime de exceção sob o olhar do sofrimento da vítima, da família, célula mater da sociedade. O filme mostrou o que representa uma ditadura.

Fiquei pensativo imaginando o que poderia ter acontecido com o Brasil e com as pessoas, nós, brasileiros e brasileiras, se os golpes tivessem vencido em 8 de janeiro de 2023. Iríamos viver uma espécie de “dêja-vu” do terror em pleno século 21? Como foi necessário a democracia ter vencido! O amor venceu o ódio.

Ainda reflexivo, passou um outro filme na minha cabeça de um momento da minha trajetória na política. Fui líder estudantil na Universidade Federal de Sergipe, presidente do DCE no início da década de 1990. Nossas bandeiras nessa época eram educação pública e de qualidade, combate à fome e fortalecimento da democracia. Nunca imaginei que tanto tempo depois, eu aos 50 e poucos anos ainda tivesse que lutar pelo combate à fome e à miséria e pela democracia, tamanho o retrocesso que vivemos recentemente. A tentativa de volta do fascismo, a tentativa de ascensão ideológica da extrema direita que despreza o sistema eleitoral, os direitos humanos básicos conquistados arduamente por pessoas como Eunice Paiva são um risco real ao qual todos nós, no Brasil e no mundo, precisamos combater, levar esse debate

para o coração da sociedade.

Debater o país e o mundo que queremos nas famílias, nos grupos de amigos, em eventos públicos, nas ruas, nas redes sociais e nas praças do Brasil. Zelar por essa forma de organização política que dá trabalho manter e melhorar a cada dia, mas não existe nada que o supere em seus valores civilizatórios de liberdade, fraternidade, igualdade, justiça e desenvolvimento social e ambiental. No governo, nosso esforço e trabalho diário é para abrir cada vez mais espaço de inclusão de nossa gente nos debates e nas definições dos rumos das políticas públicas. Aos poucos, por exemplo, estamos conseguindo mostrar que é uma lição possível de outros países seguirem. Há bem pouco tempo os movimentos sociais e populares brasileiros enfrentaram uma pressão violenta do Estado tentando criminalizá-los. Com o retorno da normalidade democrática e das relações saudáveis entre os poderes, a partir de 2023, esses movimentos voltaram a ter o espaço que merecem dentro e fora do governo.

Antes de chegar à minha casa, depois do filme, lembrei ainda da frase do poeta da minha geração, Renato Russo e a sua Legião Urbana, na música *Fábrica*: “Deve haver algum lugar onde o mais forte não consegue escravizar os que não tem chance”. Digo eu: esse lugar é a democracia. Faz-se necessário que a democracia, como valor universal, como patrimônio da humanidade, como a forma de governo mais generosa para mediar os conflitos na sociedade seja cuidada, defendida e protegida todos os dias.

Ainda estamos aqui! E ficaremos!